



Sociedade Martins Sarmento  
Guimarães

# O Zezista



Director e Editor,  
AMÉRICO ALVES FERREIRA

Quinzenário Humorístico - Literário

Secretário da Redacção,  
AURÉLIO BARROS MARTINS

Redacção e Admin. : Rua do Espírito Santo, 16 — GUIMARÃES ||| Comp. e impr. na Tip. do «Notícias de Fafe» : Rua Mgr. — FAFE

## A Sério

## Os Mistérios... dos Claustros da Oliveira

## A Sério

«O Zezista» vem preencher uma lacuna que há muito se não remediava em Guimarães—a existência dum jornal humorístico-literário que tenha o seu sabor oceguento e que belisque com graça a vida leviana da nossa terra.

Dentro dos requintes da delicadeza, sem pretender ferir ou descer ao remoque picante, ele procurará floretar com elegância a palavra, e nunca por nunca descerá á graça sensaborona.

Bem sabemos que fazer espirito para os outros é coisa muito difficil e que para arrancar um sorriso a quemquer, necessário se torna ter rialmente bom humor; porém, vamos tentar, e do êxito que obtivermos, assim dependerá a existência de «O Zezista».

Convém que todo aquêlê que nos mimosear com a sua leitura e que não goste do que nestas colunas se inserir, esconda para si o aborrecimento ou a impertinência, para que o bom do povo se não deixe arrastar pelo que ouvir a outrem—isto sem ofensa para o leitor amigo,—e nos não force a classificar de imposturona a curiosida-



Coisas que nunca serão vistas... até ao fim do ano de 1930 :

A pavimentação do Tournal e do Largo Prior do Crato a paralelipipedos ordenada pela actual vereação da Câmara.

—A nova sala de jantar do Hotel do Tournal metamorfosear-se (para não dizer transformar-se) em salão onde possam ser instalados uma meia dúzia de teares.

**Uma só salvação resta aos vencidos :  
Perder de salvação toda a esperança.**

(Virgilio — Eneida II, 356)

de que por acaso possamos despertar.

¿ V. Excelências lembram-se daquela anedocta histórica sobre a curiosidade das multidões ?

¿ Não se recordam ? ...

Pois, lá vai, já que vem a talho de fouce: «Cromwell regressava da Irlanda, vencedor e arrogante, desembarcando em Bristol. Apinhava-se na passagem uma multidão imensa enchendo os ares com aclamações.

—Que multidão para ver o triunfo de Vossa Senhoria! —disse um dos circunstantes a Cromwell, que respondeu secamente:

—Maior seria para me ver enforcar».

Ora, muito embóra «O Zezista» não mereça confrontos com Cromwell triunfador e arrogante, dado o caso de não ter ganho ainda qualquer vitória, no entanto espera que a curiosidade da multidão ávida da sua leitura não seja momentânea e não o force a repetir o que o protector da Republica de Inglaterra disse ao bajulador, ao reconhecer a suave mentira: «*Maior seria para nos ver enforcar.*»

Temos dito.

Coisas que nunca serão vistas... até ao fim do ano de 1930 :

—A reconstrução do miotório gonçalino que deixou seus vestígios ali num recanto da igreja de S. Domingos, talvez como base de futuros estudos.

—O desmoronar do velho edificio dos Paços do Concelho ao peso dos projectos da integérrima Comissão Administrativa.

Horas mortas.

Ninguém pelo Toural. Só o repórter de «O Zezista» se julgava no direito de ser guarda-nocturno, embóra livre do pêsso das chaves, e se refestelou num dos bancos do jardim, embevecido talvez pela confusão das bichas do mosaico, ziguezagueantes, turbando a vista como qualquer tapête románico—deve ser por isto que muitos principiam a ser malucos...

Uma fumaça, mais outra olhadela para todos os lados, nova fumaça e pareceu-lhe que a cabeça do rei-prêto se volteava rápida, velóz, duma maneira desconfiada, de modo a não querer que soubesse que o mais aguerrido dos portuguezes se preocupava com quem se encontrava ali, em ár de madureza.

Ao jornalista não passou despercebido tais rodopiaries de cabeça, e vá de jogar mironadelas furtivas, num geito de querer descobrir a curiosidade do *Fundador*.

Assim se davam ao entretenimento, quando amigo repórter se levanta dum pulo, e de tal modo que a rijêsa do lbne Arrique vacilou, indo aquêlê a correr colocar-se em frente da estátua, atirada para trás a cabeça, em posição de quem toma «gargarejos, num desejo de bem se certificar.

Ali ficou espécado, naquella posição ridícula, até que percebeu que um dos olhos do primeiro portuguez lhe começava a empiscar, marôto e galhofeiro.

—*Oh, com um raio*, exclamou o nosso homem, *êle quer conversa e isto vai ser o meu maior triunfo jornalístico*.

E as empiscadelas continuavam, sempre do lado esquerdo, como que a dizer: «vê lá se me descobres o jôgo».

Olhei em redor, não houvesse curioso algum que me estragasse o repólho, e arrisquei a meia vóz:—«Senhor Rei! pôde estar socegado que a estas horas, dorme tudo, minha gente».

## As nossas entrevistas... sensacionalíssimas

D. Afonso Henriques, o «Conquistador», diz ao «Zezista» da maneira desrespeitosa como os vimaranenses invocam o seu nome para «épater le bourgeois»

—«Mandem-me para o meu Castelo!»—impõe

—Bem, bem, regougou o hércules escuro.

E baixando o espadagão, pediu licença para se pôr um pouco á vontade.

Sentou-se no pedestal, puxou para a nuca o capacête, desafivelou o manto, desaperitou as dianteiras e o lorigão, e, como qualquer *botu de-elástico*, a um pequeno gesto, descalçou uma das balugas—a do pé direito, se não me engano,—porque, dizia êle, «lhe apertavam mais o calo 35 do que quantas excomunhões recebêra de Honório II».

E caso curioso, o nosso primeiro rei—(isto aqui muito á puridade)—não usava peúgas nem... cuécas!—o que me levou a dizer-lhe que na sua querida Vimarani não chegara ainda a móda de levantar os saiais, como o fazem na Escócia, razão porque fosse um pouco decente.

Uma vermelhidão escaldou-lhe as fáces, numa fúria devastadora, mas, contendo-se, soltou uma gargalhada sêca, destas gargalhadas que nos levam a pôr de sôbreaviso, e limpando os beiços ás costas da mão gadelhuda, num mugido que mais parecia grunhido, quebrou o silêncio dizendo:

—E então essas que vêem á missa do meio dia?

Não usam saias, mais pequenas do que as minhas, e não mostram as pernas, em plena luz do dia, até aos joelhos!?

—E' verdade Magestade. Porém, a minha situação difere um pouco, dáda a altura a que V. Magestade está.

—Tens razão, meu «Zezista», nem me lembrava o ponto que desejavas atingir. Eu serei recatado.

—Obrigado, pela familiaridade—retribuí em agradecimento.

—Sabes porque me puz a olhar-te quasi de soslaio? Nada mais nada menos porque tinha necessidade de desabafar. Ando preocupado, devêras.

Acho que só tu poderás aliviar-me dêste desgosto que me consome e arrelia, e, por isso, queria ter a certeza de que se tratava dum redactor do único jornal que alguma coisa pôde fazer em meu favor—máu grádo os ares de importância que os outros jornais se dão de estrênuos defensores das coisas da nossa terra.

—Diga V. Magestade, e serei o porta-vóz dos vossos desejos.

Confiando a barba eriçada e fulva, batendo com os punhos cerrados na arca do próprio peito, num desespero bem visível, arrancou uma imprecação que zumbiu em meus ouvidos como uma fúria devastadora, cicitando os meus próprios nervos:

—¿Como explicas, dize-me, a constante invocação do meu nome para ressalvar todas as asneiras que se cometem nesta terra? Sim, dize-me lá...

Então, eu, alguma vêz fui bôde expiatório para encobrir politiquices réles. Não me basta o bêbado do Narcizo a empastar de suores frios a minha testa com as asneiras que profere, para ainda por cima ter de aturar a pécha maldita de impôr como-bôas as asneiras que lhes aprazem.

—Mas, Magestade, diga a quem se refere?!?

—Olha que de há 8 séculos a esta data, é a primeira vêz que consigo ter «pio». E se me der na rial gana, sou

capáz de...—susteve a ameaça,—de pedir a Deus que me envie um raio que me abra de meio a meio.

—Porquê, interroguei admirado?

—Porque... porque—e as palavras pegavam-se-lhe como *sapatilha* em bôca de Policarpo,—porque... acho uma garotice sem nome o não me acabarem a obra do parque em volta do Castelo, para onde desejaria ir morar. Até 1911, fui obrigado a receber todo o vento frêsko que vinha das bandas da Penha e a *grammar* o perfume dos coiros que me provocavam constantes vômitos; depois, vim para aqui, dêste onde móro, só para que me matraqueassem os ouvidos com buzínadas de automóveis, com bisbilhotices de beatas, com más-línguas, com efeitos de luz que me férem a vista, pelo apaga e acende, á laia de pirilampo, e com as sermões do *Narciso e Bale-folhas!* Que diacho—era merecedor dum pouco mais de respeito.

E como se sentisse encomodado pela dureza de encôsto que tinha aquêlê pedaço de «cestão» de bronze que lhe resguarda os calcanhares,—calçou de novo a baluga de ferro, apertou o perponte e o saial, pôs-se de pé, ergueu o espadagão, franziu o sobrecenho, ageitou o capacête, e abrindo a bocarra horrenda que a farta bigodeira e fulva barba envolviam, desferiu, como bomba de «cabeça-de-gato» o seguinte anátéma:

—Eu fui o vosso pai. Tenho direito a impôr a minha vontade. Doia a quem doer. Ou aqui, em Guimarães, há juízo e me tratam com o devido respeito, retirando-me dêste ambiente que me confunde e turva, ou proíbo terminantemente que de mim falem para *épater le bourgeois*. Mandem-me para o meu castelo! Conclúam o parque, porque desejo viver ali, isolado, junto do alcáçar que me viu nascer e que foi o mais leal dos meus castelos. Quero ma-

GAZETILHA

Com tôdas as reverências, mas sem velhas curvaturas, aqui estou p'rante vossências p'ra defender as criaturas de qualquer maledicências.

E' que há muito sujeitinho, nesta nossa terra amada, que não poupa o seu visinho a sua língua depravada p'lo sujo sarro do vinho.

A qualquer canto ou 'squina, num cecbichar indecente, a sua voz em surdina morde em tôda a alheia gente venenosa, vesperina.

Porisso, amigos, cautela! Cada um meta-se consigo!... A língua é dura fivela que aperta sempre a costela do seu bom e melhor amigo...

ZÉ QUINTILHA.



AOS COLEGAS

Ao iniciarmos a publicação do nosso quinzenário, saudamos efusivamente os nossos colegas da imprensa local, e, muito especialmente, o semanário «Pirilau» da cidade de Braga, a quem agradecemos as referências que nos fêz, estando ainda nós em gestação.

E como este impagável jornal, sempre de bom humor, tem correspondente em Guimarães, á D. Blague saudamos também, pedindo-lhe todavia que não revele o que escreve antes da publicação, o que prejudica de sobremaneira não só o colega, mas também o *chisté* e a fina graça das suas crónicas... anticamaroeiras.

E' que a verdade é esta: a meio da semana, no Café Oriental, já se sabe o que diz o «Pirilau» que sai no domingo seguinte.

tar saúdaes e não ser impo-  
rtunado senão pelo cântico das  
aves ou pelo cicio de beijos  
de namorados. Façam-me êste  
favôr que é único.

Diga isto no seu jornal,  
que é a minha vontade ex-  
pressa. Tenho dito».

Retomou a sua primitiva  
posição e tornou-se estátua  
inactiva como já o era.

Acabára a entrevista.

Repórter dos Anzois.

A quinze dias... sem vista

Meu amigo:

A cada passo eu oiço a certas  
almas piedosas repetir que, como  
bons cristãos, nós devemos, em  
cada dia, meditar na morte... —  
afim, dizem, de estarmos prepara-  
dos para bem recebê-la quando  
ela, batendo-nos á porta, nos con-  
vide a deixarmos esta vidinha des-  
contente que por cá andamos vi-  
vendo.

E então, essas boas alminhas,  
pintam-nos a morte de feições he-  
diondas de megéra, foicinha em  
punho, braços descarnados...

Um horror!...

Ora, afinal, conclue-se—concluo  
eu, tu, e quantos outros!—que  
nem a morte é tam horrenda como  
a visionam, nem por estarmos  
pior ou melhor preparados para  
recebê-la, ela deixa de ser... im-  
portuna.

E' o «tem de ser!».

Neste século de vertigem—ver-  
tigem na terra, vertigem no espa-  
ço, vertigem nos cérebros (sem  
ofensa!)—a morte é, por assim  
dizer, uma banalidade tam banal  
que, como o nascer e o pôr-do-sol,  
quasi perdera já o interêsse...  
Morre-se por tudo, e de tudo—  
morre-se até... do mêdo de mor-  
rer.

Depois, a morte natural, aque-  
la morte à antiga, perdeu de mo-  
da, passou de figurino. Agora...  
a morte civilizou-se: é mais extra-  
vagante de sensações. Por exem-  
plo: a morte... no ár. Sôbe-se,  
sôbe-se...; e, às tantas, na sen-  
sação de subir e do descer, o apa-  
relho, numa última modalidade do  
*charlston*, dá duas cambalhotas  
..., ficando-nos nos galhos de al-  
gum carvalho a alminha dependu-  
rada...

Deves convir, meu amigo, que  
a morte civilizou-se.

E até breve.

Jaime Ortigal.



ADIVINHAS

I

Adivinha, adivinha:  
¿Qual é o bicho sem ôsso  
nem espinha?

II

Estudantes, que estudaes  
Nos livros da filosofia,  
¿Dizei-me qual é o insecto  
Que não tem peitos e cria,  
Que aos vivos dá alento  
E aos mortos alumia?

N. da R.—As soluções virão  
sempre no número seguinte.

Uma história Inconfidências

O caso que vou contar passou-  
se, há tempos, na povoação de  
..... Viviam ali, ligadas pelos  
laços de maior amizade, duas famí-  
lias: uma, a família Fortunato,  
assim se chamava o chefe, era  
composta de pai, mãe e duas ga-  
lantes meninas, uma de 15 e ou-  
tra de 16 anos, a Lúlu e a Fifi; a  
outra, a família Silva, uma trin-  
dade composta de pai, mãe e um  
rapazote de 16 anos, o Gonçalo,  
um breijeirote bastante desenvol-  
to. Estas duas famílias, ainda apa-  
rentadas, visitavam-se amiudada-  
mente, havendo entre elas a maior  
intimidade, intimidade esta que  
vinha desde os primeiros anos do  
Gonçalo, por este se ter criado,  
pode-se assim dizer, pela casa da  
família Fortunato. E assim o no-  
vo Gonçalo, sempre querido e  
animado, era ali tratado por todos  
e, principalmente, pela sua boa  
tia e queridas priminhas com o  
carinhoso nome de «Çalo».

Como disse já, estas duas famí-  
lias amigas e parentes davam-se  
o melhor possível.

O bem duma era o bem da ou-  
tra; o mal duma trazia sempre  
pezar à outra.

Bastantes anos decorreram, des-  
de o nascimento dos pequenos,  
sem que uma nuvem sequer vies-  
se toldar a amizade que ligava  
aquelas duas famílias.

Um dia, porem, o sr. Fortuna-  
to appareceu em casa, de regresso  
de negócios que o tinha levado a  
estar ausente alguns dias, e ven-  
do que as pequenas não compare-  
ciam para o cumprimentar, per-  
guntou por elas á sua simpática  
cara metade. Esta, a titulo de in-  
formação, disse: «Foram c'o Çalo  
pr'ó monte».

Ah! foram?...—respondeu o  
nosso bom Fortunato—pois eu  
lhes direi em chegando...

O que depois se passou não  
posso dizer. O que sei é que des-  
de então as pequenas nunca mais  
foram c'o Çalo para fóra de casa.

X X X



Lêr no próximo número:

«Especialidades dos  
componentes  
do Grupo Zezista,  
apanhados num ins-  
tantâneo»

Realisar-se-há, em Julho, a inau-  
guração do monumento ao S.  
Cristóvão, na montanha da Penha.

Por essa ocasião, será levada a  
efeito a corrida da rampa, para o  
que se aprestam os melhores au-  
tomobilistas portugueses.

Segundo informação que reputa-  
mos fidedigna, os fotógrafos-ama-  
dores resolveram colocar-se nas  
curvas da estrada para exhibir os  
seus talentos, *clichézando*... pi-  
nheiros e penêdos.

\* \*

Na passada 2.ª feira as reparti-  
ções camarárias fecharam para dar  
cumprimento ao feriado municipa-  
l—Gil Vicente.

Antes assim, que peór.

Ao menos fica-se a saber que  
houve um homem que illustrou a  
nossa terra só por vermos os fun-  
cionários da supracitadas reparti-  
ções... em greve de braços caí-  
dos.

\* \*

Há quem repáre no facto de os  
nossos polícias, andarem sempre  
quatro a quatro, quando surgem  
à vista do público.

Nada mais natural.

Dado o reduzido número dêsse  
lídimos representantes da seguran-  
ça pública, apresentam-se em gru-  
po... para terem curso, não de  
códigos, mas os parceiros *fixes*  
para uma «suécada».



Coisas que nunca se verão

—A «Empresa Jacinto Guima-  
rães» favorecer os *habitués* em co-  
modidade, sem que o barracão de  
Gil Vicente cause náuseas.

—A conclusão do parque á volta  
do Castelo, evitando que se torne  
em logradouro público ou terreno  
de pastagem.

—A abertura do forno cremató-  
rio, que se alcunha pomposamente  
de Teatro D. Afonso Henriques,  
mesmo para as licenças especiais.

—O orçamento do pôsto da Pis-  
ca incluído no orçamento geral  
dos portos.

—O Corpo da Polícia dedicar-se  
á bebida—«água da Penha».

D. Asserto.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## Dia de Neve

Branca e leve, caiu neve,  
Levemente, todo o dia:  
Caiu neve, branca e leve,  
No meu peito em agonia.

Caiu neve, todo o dia...

Sempre, sempre sem cessar.  
Branca e leve, ela caía:  
Tão branca a neve, luar,  
Mais do que neve par'cia!

Caiu neve, todo o dia...

Já no meu peito gelado,  
Em neve tudo morria:  
Tudo em neve mergulhado,  
Sob a neve que caía.

Caiu neve, todo o dia...

Até a torre mais alta  
Onte a ilusão se escondia,  
Até essa, ora, me falta,  
Sepulta na neve fria.

Caiu neve, todo o dia...

O meu peito é um campo santo,  
Gelado mar de agonia,  
Todo encantado de espanto,  
O culto em Melancolia...

Caiu neve, todo o dia...

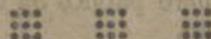
ALFREDO PIMENTA



## Pôsto de... desembarque

Pela portaria publicada sob a designação de «isto é da mãe Joana», junto da Filial do B. N. U. vai ser criado um pôsto de desembarque... de sardinha, para o que já ali vão ser iniciadas obras de adaptação.

Parabéns ao feliz, e de esperar é que este formidável melhoramento venha entrar um pouco a marcha *acelerada* do caminho de ferro do Vale-do-Ave, que á fima lórça queriam ver concluído para... refúgio das cargas, mórmente as de peixe.



## Homem providente

Do livro «Anedotas Históricas»  
de António Chaves.

O deputado sir John F... era acusado de vender o voto ao governo, e um dia que éle calorosamente defendia um projecto ministerial, segredou-lhe um colega:

—Para que falais, se já tendes todos os filhos empregados?

—E éle, sem perder o fio ao discurso, replicou a meia voz:

—E' que tenho a minha mulher peida.

## OS SINOS

De Gabriel D'Annunzio

## Duma versão francesa — por L. Coelho

A Biascè dera o mal d'amor, em Março! Havia duas ou três noites que éle não conseguia pregar olho; sentia comichões por todo o corpo, ardores, picadelas, como se a todo o momento da pele, pelos milhares de póros, lhe saltassem raminhos, *bouquets* de rosas selvagens.

Pelo fundo das suas águas-furtadas entrava, não se sabe por onde, um odór novo, um odór fresco e áspero de seiva estuante de marrucas e de amendoeiras em flór.

Por Santa Bárbara protectora! a última vez que vira Zolfina, foi justamente junto duma amendoeira que lhe servia de encôsto, quando contemplava duas velas dum barco vogando no alto-mar; e, por sobre a sua cabeça, o sol segredava uma alegria balsamada de candidez; e, á sua volta, como um marulho, ciciava a floração azulada do linho; e, nos seus olhos, denotavam-se, abertas, duas belas pervincas; e, sem dúvida alguma, também deviam existir flores no seu coração!

Deitado no seu leito, o louco Biascè, pensava em toda esta luz, em toda esta inundação de vida primaveril.

E já a linha extrema do Adriático, ao longe, se distinguia aos primeiros olhares tímidos da alva, quando éle se levantou dum pulo e subiu pela escada de madeira até aos ninhos das andorinhas, lá no remate do campanário.

Ondeavam pelo ar vozes estranhas, indistintas, semelhantes a bafejos fugitivos, ás roçaduras da folhagem, aos *froufrous* de rebentos verdes, a ruídos de azas.

As casas agrupadas, ainda revelavam o sono da manhã; a planície, es a encontrava-se também atolambada no meio-sono, envolvida por uma cortina de névoa tenuíssima; aqui e acolá, neste imenso e quiéto lago, as árvores balouçavam-se ao sópro da brisa; ao fundo, colinas violáceas, envileciam-se em tons muito ternos, fundidas quasi com o cinzento do horizonte; em frente, alinhava-se o mar, e pelhante como uma lâmina de aço, um tanto envolvido por um obscuro véu de penumbra; e, além disto, uma frêscia e diáfana serenidade de firmamento onde as estrelas empalideciam uma a uma.

Os três sinos imóveis, com os seus ócos ventres de bronze ornados de arabescos, esperavam que as mãos de Biascè lançassem as

suas vibrações triunfais nos sópros da manhã.

E Biascè agarrou das cordas. E ao primeiro movimento de contrair os braços, o maior de todos, a *Lôba*, teve um estremecimento profundo; a sua bocarra se dilatou, se comprimiu, se dilatou novamente; uma vaga de sons metálicos, seguidos dum magidó prolongado, se desferiu sobre todos os telhados, se propagou nas azas do vento através da planície e até á praia.

E os tenidos se precipitavam; o bronze aquecia, semelhante a um monstro, louco de cólera ou de amor, oscilava espantosamente para a direita e para a esquerda, mostrando a sua guela hiante, lançando notas profundas que se uniam duas a duas por um estrondo contínuo, quebrando a todo o instante o ritmo, acelerando de movimento até se fundir num arrepio de harmonia cristalina, que ia aumentando no espaço com solenidade.

Em baixo, esta vaga de sons e o crescendo de luz faziam despertar as campinas; os nevoeiros subiam em fumo, douravam-se, e se dissolviam dôcemente na claridade da manhã; os outeiros tomavam uma cor acobreada. E, subitamente, ouvia-se uma outra sonoridade, um timbre diferente; o tocar da *Coruja*, acre, rouco, quebrado, mais parecendo um ladrido encolerizado provocado pelo uivo dum cervo... E depois, o badalar rápido da *Cantadeira*, um badalar alegre, límpido, ágil e bulhento, como o bater de granizo numa cúpula de cristal.

Nesse mesmo instante, ouviam-se os ecos longínquos dos outros companheiros que despertavam; o campanário de San Rocco, além, arruivado, agachado entre os castanheiros; o de Santa Teresa, um enorme pão de assúcar furado; o de San Franco, este anexo a um convento... dez, quinze bocas metálicas que espalham nos campos as variações alegres e sãs do hino dominical, num triunfo de luz.

A Biascè, esta balbúrdia embebava-o: Era preciso vê-lo, o aprendiz ossudo e nervoso, com uma grande cicatriz na testa, mover os braços, esbaforido, pendurar-se nas cordas como um macaco, deixar-se elevar pela força irresistível da sua querida *Lôba*, trepar á sineira para dar os últimos abandonês á *Cantadeira*, orgulhoso de ver subjugados estes dois monstros.

Lá em cima, era rei. As heras:

## Rosna-se:

Que muito breve vai ser organizada uma expedição científica, da qual farão parte alguns dos mais afamados caça-filosas cá da terra, para ir descobrir e observar de pertinho certo pardejo bravo, do «tamanho de uma galinha», que faz seus vôos, parece, que ali para as bandas de Abação.

—Que, no caso de chegar a ser descoberto e apanhado tão interessante passaróco, o que decerto acontecerá, será o mesmo encarcerado num gaiolão de engrenagens electricas, estilo «ricóco», que pode ser adquirido em segunda mão, ali adiante, á beirinha do Toural, onde há um passeio picado das bexigas, isto é, quem vai pela rua 31 de Janeiro fóra e mete pelos Palheiros acima.

—Que a dita gaiola, o exemplar mais «chiç» que no género existe cá na cidade, será depois enviada, com o respectivo «passarão», á Sociedade dos Palões Artísticos.

—Que uma das cinco bandas da música que haviam de tomar parte no torneio de tiro aos pratos realizado há tempos no Monte-Largo, era a dos Calceteiros Marítimos do Norte de Portugal.

—Que a mesma banda não pôde abrilhantar aquela festa tirística e belezática, devido a, por essa ocasião, estarem os seus componentes atrapalhados com a solução de um importante problema de utilidade pública, qual seja o arrancamento sem dór do artístico calo que ornamenta um dos passeios da rua 31 de Janeiro.

—Que uma das «formosuras» que se fazia para o prémio do Concurso de Beleza, realizado no dito torneio, tinha em cima dos ombros um rôsto que já se não usa...

E. Samêlo.

copadas, escalavam as paredes carcomidas com *élan* de juventude, enroscavam-se, parasitárias, aos barrotes da cobertura como a troncos viçosos; revestiam os tijolos dum tinto que mais pareciam folhas coriáceas, luzentes, como placas de esmalte; pendiam dos anteparos como uma germinação rápida de delgados reptis; assaltavam as tellias adornadas pelos ninhos, ninhos velhos e novos onde já chilreavam as andorinhas em amor.

Chamavam-lhe louco, ao pobre Biascè; mas, lá em cima, éle era rei e poeta.

Continúa